

O Purgatório

O dicionário define o Purgatório como “um lugar de purificação das almas dos justos antes de serem admitidas na bem-aventurança”. Ali os homens teriam que purgar as manchas ou pecados que tenham praticado nesta vida terrena, antes de poderem entrar no céu.

A palavra “purgar” vem do latim (séc. XIV) e o significado é justamente o de remir e purificar. Daí vem a palavra “purgante”, o qual é usado para limpeza, isto é, “purificação” dos intestinos, no sentido de agir de forma que tudo aquilo que é nocivo seja expelido.

A doutrina do Purgatório remonta ao ano 600 da nossa era e até hoje é adotada pelo catolicismo romano. Para justificar essa doutrina, a igreja católica classificou os pecados em mortais e veniais.

Os “veniais” seriam aqueles de menor gravidade, os quais poderiam ser expiados nesta vida ou posteriormente no Purgatório.

Os “mortais” seriam os pecados mais graves, que não poderiam ser expiados pelo sofrimento dos homens nem nesta vida nem ainda no Purgatório. Depois da morte, aqueles que não tivessem seus pecados mortais perdoados pelos chamados “sacramentos” e disposições da igreja católica, iriam inapelavelmente para o inferno sofrer eternamente.

Por sua vez, os que morressem sem ter os seus pecados veniais expiados iriam para o Purgatório. Quando ali se completasse o castigo através de sofrimentos, iriam então para o céu.

No Purgatório as almas padeceriam um tormento muito semelhante ao do inferno, sendo que a diferença consistiria no fato de que no inferno o padecimento é eterno enquanto que no Purgatório seria temporário.

Essa teoria é defendida pelos católicos basicamente através do texto de Lc.12:59, portanto vale a pena analisarmos esse contexto.

Averiguemos primeiramente quem é o adversário ali mencionado. Normalmente o adversário é logo identificado com o diabo, porem não é este caso, pois em Mt.5:25 Jesus propõe reconciliação com esse “adversário”. Jesus jamais proporia a reconciliação com o diabo, sob qualquer pretexto.

Em Col.2:14 lemos que para os desobedientes a lei é como um adversário, muito embora essa lei possa até ser “boa”. Além disso o texto fala de uma situação presente e não futura, pois diz: “quando vais com teu adversário ao magistrado”. Ora, se o texto realmente se referisse ao Purgatório como pretendem os católicos, deveria conjugar o verbo no futuro, pois se trataria de um estágio que o homem iria participar após a vida terrena.

Adversário, portanto, pode se aplicar a tudo que se levanta contra o homem no sentido de prejudicá-lo. Podemos então imaginar esse adversário como o mundo com os seus encantos e prazeres, as riquezas e os bens materiais, a carne com as suas paixões, os vícios, a ciência materialista por extremo, as tradições preconceituosas e outras tantas ilusões que levam os homens a se afastarem de Deus.

Vejamos agora o significado dos “magistrados” mencionados no texto de Lucas 12.

Em Rm.13:3 e 4 temos os magistrados como ministros de Deus, para bem ou para mal. Por outro lado, em Hb.1:13 e 14 vemos os anjos como espíritos ministradores. Na realidade, os anjos não julgam, mas executam o juízo para favorecimento ou para punição dos homens. Nesse caso, diríamos que eles são os magistrados estabelecidos como principados e potestades, os quais foram despojados de sua condição de superioridade e supremacia por ocasião da exaltação de Jesus Cristo (Cl.2:14 e 15).

Quanto ao caminho que o texto menciona, significa a jornada desta vida. Pode-se entender, no entanto, que esse caminho possa também ser o caminho que leva a salvação, como menciona At.16:17. Também o Evangelho é um caminho em sua essência doutrinária., como lemos em At.18:26 e I Co.12:31.

Temos também o caminho da justiça, conforme II Pe.2:21 e o caminho da salvação, conforme Hb.10:19 e 20.

Quanto ao juiz, podemos concluir que é Deus (II Tm.4:8 e Hb.12:22 e 23).

O meirinho, que também significa “verdugo”, evidentemente é o diabo. Sua ocupação constante é afligir as almas dos homens (I Co.5:1 a 5).

Portanto, a moral dessa parábola é que devemos resolver nosso problema de culpa durante o tempo que temos de vida, e isto se dá mediante a expiação que Jesus proporcionou através de seu sacrifício por todo aquele que nele crê. Isso tem de ser feito antes que venha o juízo final, para não sermos acusados pelos anjos rebeldes e sermos entregues junto com os desobedientes nas mãos do diabo.

Esse texto, portanto, ao invés de explicar um “acerto de contas” futuro, prova que ele deverá acontecer em vida.

Muita gente, ao avaliar os padecimentos que sofrem nesta vida, dizem concluir que o inferno lhes parece ser na própria aqui neste mundo. Porém, a realidade é que nesta vida o padecimento dos desobedientes é apenas um prenúncio de um sofrimento maior e eterno. Além disso, o sofrimento presente não tem qualquer efeito purificador.

O homem só escapa desse “padecimento inútil” quando, arrependido, deixa o pecado e se submete voluntariamente a vontade do Pai.

Dentro do conceito antigo, o Purgatório seria uma prisão para castigos. Para o príncipe de Lc.16:11 a 16 o “Purgatório” dessa vida foi a fase em que ele experimentou todos aqueles sofrimentos, quando se afastou da presença de seu pai.

Seja qual for a situação de uma pessoa, ela pode sair do meio dos sofrimentos, pois Jesus já “purgou” todos os teus pecados (Rm.3:23 a 26).

Quem tem Jesus faz a viagem final sem escalas.

Oswaldo Carvalho